

RUBEM BRAGA

O LIVRO É O FORTE

FOI ANUNCIADO em todos os jornais que o jornalista e deputado federal Márcio Moreira Alves autografaria seu livro «O Cristo do Povo» a partir das 9 da noite de segunda-feira, 10 de junho, no Clube dos Marimbás. Quem mandou a notícia aos jornais fui eu, na qualidade de um dos diretores da Editôra Sabiá.

A primeira noite de autógrafos da Sabiá foi feita nos Marimbás, como fôra, há anos, a festa inaugural da Editôra do Autor, de que fui diretor. Isto é fácil de explicar: sou sócio do clube, como sócios são os donos da gráfica Borsóí, que imprimiu os livros. No lançamento, marcado para o dia 9, acontecia que o autor Márcio Moreira Alves também era sócio.

Um dos Borsóí, hoje Comodoro, foi quem autorizou a noite de autógrafos, perfeitamente dentro da rotina.

Foi na ausência do Comodoro, que passava o fim de semana fora do Rio, que o vice-comodoro reuniu a diretoria e resolveu suspender a noite de autógrafos. Tive notícia disso quando já era tarde para sustar o noticiário. O diretor, que me telefonou, não me deu qualquer explicação: era resolução da diretoria, e pronto.

É claro que procurei saber das coisas; e soube. A diretoria do Clube agiu por pressão de um oficial do Forte de Copacabana, não sei se o seu comandante. Um ou mais oficiais — foi assim que me contaram. É que, em seu programa de televisão, um conhecido comentarista havia noticiado a noite de autógrafos, explicando que o Clube dos Marimbás ficava no Pósto 6, «ao lado do Forte de Copacabana». Isso desagradou profundamente a um ou vários oficiais do Forte. E através de um coronel, que é dos diretores dos Marimbás, a notícia desse desagrado foi levado à diretoria, que resolveu então sustar o ato.

Devo esclarecer que o comentarista da TV não quis insinuar coisa alguma, quando disse que o Clube dos Marimbás fica ao lado do Forte de Copacabana. A indicação constava da nota redigida por mim, como sempre tem constato de todas as notas que nos últimos anos mandei para os jornais, sobre lançamentos da Editôra do Autor, e da Editôra Sabiá, ali no Clube; como consta do anúncio, que saiu na 3ª página do «Correio da Manhã», de domingo. Trata-se, é evidente, de uma pura indicação topográfica. Jamais me ocorreu que algum oficial do Forte se achasse de qualquer modo envolvido na responsabilidade dos conceitos emitidos pelo Márcio, em «O Cristo do Povo». Ainda outro dia, foi feito ali o lançamento das «Poesias Completas», de João Cabral de Melo Neto, e nenhum oficial se sentiu culpado por nenhum verso de «A Educação Pela Pedra», como antes nenhum foi suspeito de conivência com os termos do «Soneto da Separação», de Vinícius de Moraes ou (o que seria pavoroso) com alguma piada do FEBEAPA-2 do Stanislaw Ponte Preta.

Não desejo ver os Marimbás em dificuldades devido à má vontade do comandante do Forte de Copacabana. Para falar com franqueza, nem sei quem é, no momento, esse comandante. Sei apenas que esta pequena história, sem importância, me enche de melancolia e de vergonha.

«O Cristo do Povo» é um livro excelente, que merece ser lido e meditado por qualquer militar ou civil, que se preocupe com a situação do Brasil. Essa hostilidade que ele sofre, antes mesmo de ser lido, é sintomática de um estado de espírito lamentável, indigno de um grande país, jovem como o Brasil, que só poderá afirmar seu futuro através do debate livre e corajoso das idéias.

O caso é, na verdade, ridículo e triste.

DN - M. 6-68